A PROBLEMÁTICA DA MIGRAÇÃO EM MOÇAMBIQUE A PARTIR DE UMA LEITURA INTERPRETATIVA DE “O ALEGRE CANTO DA PERDIZ”.

Francisca Helenina Mendes de Castro [1], Giselle Rodrigues Ribeiro [2]

RESUMO

O presente trabalho propõe uma discussão a partir de uma leitura de “O alegre canto da perdiz”, romance da escritora Moçambicana Paulina Chiziane, publicado em 2008. Aqui, será delineado as relações existentes entre migração e colonização em Moçambique, atentando para os espaços geográficos de transição e de permanência destacados na narrativa, para fatores históricos que influenciaram esse processo migratório, para os simbolismos que o envolvem, bem como para a disposição dos papéis de gênero no âmbito desses trânsitos. Para embasar tal abordagem, serão utilizados os textos de Salim (2016) e de Golgher (2001) que trazem conceitualizações em torno do termo migração abarangendo a discussão proposta, bem como textos de Peter Fry (2001) e de José Luís Cabaço (2009), que abordam aspectos políticos da formação da nação moçambicana. Nossa pesquisa, que procura dar corpo à lei 10.639/2003, que estabelece o tratamento das histórias e das culturas africanas em todas as escolas da rede oficial de ensino brasileira, aponta para a necessidade de mais investigações sobre a temática deste trabalho, considerando ainda a escassez de produções acadêmicas voltadas para as questões de migração em Moçambique.

Palavras-chave:

Literatura Moçambicana. Migração. Colonização portuguesa.

[1] UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: ninaprecista@hotmail.com
[2] UNILAB, Instituto de Letras, Docente, e-mail: gisellerribeiro@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A região de Moçambique vivenciou em 1498 o primeiro contato com grupos de estrangeiros que, de acordo com a descrição de Cabaço (2009, p. 27), foi o primeiro contato de muitos que afetariam a sociedade moçambicana intensamente. Posteriormente, em 1975, o país conquistou a independência após uma guerra. Tais acontecimentos afetaram o país em diversos aspectos, considerando tanto questões de cunho sociocultural, com o estabelecimento do contato forçado com a cultura do dominante, que ditava normas, moldando a estrutura das relações de poder instituídas, quanto por questões históricas e geográficas, por causa das consequências das ações dos colonizadores no espaço em questão, conforme o que nos apresenta Cabaço (2009) e Fry (2001) ao destacar dados históricos e sociais sobre os impactos do regime colonialista sobre Moçambique. Já o movimento migratório no país corresponde a uma das problemáticas resultantes da colonização, a qual, como ressalta Patrício (2016), tem suas raízes na formação do próprio território moçambicano, com a saída dos povos bantos da África Central para a região onde se localiza Moçambique. Ela é enfatizada no período colonial com o acesso ao território moçambicano por parte dos portugueses. Sobre essa questão, no começo de seu texto, Cabaço (2009) ainda descreve a chegada dos portugueses e o estranhamento dos nativos ao identificarem os invasores, a quem o autor chama de forasteiros. Dentre outros elementos, é essa movimentação migratória em direção a e por dentro do território moçambicano que será discutida neste trabalho, partindo-se de sua representação no romance "O Alegre Canto da perdiz", a cujo estudo se dedica a presente pesquisa, remontando ao período colonial, tratando dos impactos sofridos pela sociedade moçambicana, e consequentemente, mantendo em perspectiva as relações estabelecidas entre diferentes personagens.

METODOLOGIA

Tendo em perspectiva o objetivo geral da pesquisa e, portanto, o propósito de examinar a representação literária de dinâmicas migratórias que afetam o território moçambicano no período colonial e no subsequente, a fim de entender como a colonização gerou e se adequou a processos de mobilidade de portugueses e de moçambicanos no romance "O Alegre Canto da Perdiz", buscamos, prioritariamente, compreender o enredo da obra em questão e a perspectiva de escrita da autora Paulina Chiziane. Posteriormente descrevemos os movimentos migratórios e os espaços de transição descritos na narrativa, avaliando em função do que eles são integrados ao enredo. A partir desse percurso, buscamos compreender com o que os movimentos migratórios descritos no romance se relaciona, tomando como embasamento teóricos que se dedicam a discutir o conceito de migração, tais como Ferreira (2001), Golgher (2004) e Salim (2016). Também consideramos produções científicas sobre o texto literário analisado, alem de textos de autores voltados para discussões sobre dinâmicas territoriais moçambicanas, como Patrício Gonçalves (2016), Peter Fry (2001) e Rita Chaves (2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra literária em abordagem, percebe-se o processo de migração a partir de diferentes perspectivas, o que ressalta a importância de se apresentar a conceitualização do termo migração, pois é a partir deste que se pensará como a narrativa apresenta e desenvolve as movimentações territoriais dos personagens e como os períodos históricos considerados no enredo influenciam esses percursos migratórios.

Golgher (2004), ao teorizar sobre migração, aponta que esta não se delimita a menção descritiva de movimentações internas ou externas, sendo seu conceito um pouco mais complexo, na medida em que leva em conta um conjunto de fatores que se alteram em decorrência da migração. Embora trate da migração no Brasil, é possível conectar suas ideias a contextos da África e da Europa, a fim de pontuar outros elementos importantes que circundam o conceito de migração, como é o caso de migração forçada, sendo esta caracterizada, a grosso modo, por uma imposição à migração.

Em sua definição Golgher (2004, p. 07) afirma que a "[G]rosso modo, a migração pode ser definida como uma mudança permanente de local de residência. Não satisfeito com a definição apresentada, o autor defende a necessidade de uma definição mais precisa para o termo e complementa: "O migrante sai de um local e vai para outro. Ele tem uma origem e um destino. Uma pessoa que sai de uma região é um emigrante de seu local de origem." Não muito distante desse pensamento crítico, Salim (2016) reconhece que "a migração é um fenômeno complexo, essencialmente social e com determinações múltiplas, apresentando interações peculiares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta" (SALIM, 2016, p. 119).

O romance "O alegre canto da perdiz" (2008) apresenta uma complexa construção de temporalidade, criando um movimento alternado entre presente e passado. É a partir dessa dinâmica que Paulina Chiziane percorre o período colonial e o pós-colonial, fazendo uso da memória dos personagens.

Nas primeiras páginas da narrativa, somos postos em contato com as recordações de Maria das Dores e podemos observar como suas memórias se desenvolvem, desaguando em uma narrativa mais elaborada adiante no enredo. A princípio Maria das dores se apresenta em um espaço desconhecido: nas "as margens do rio Licungo", nos Montes Namuli (CHIZIANE, 2008), e sob o olhar julgador do outro, sendo este "outro" os moradores do espaço.

O fator de estranhamento é, por si só, uma característica presente nas migrações, de modo que o receptor, quase que automaticamente, impõe ao outro seu olhar desconfiado. Patrício (2015, p. 166) apresenta três níveis de recepção de imigrantes, sendo o primeiro voltado para as políticas de recepção criadas pelo representante geral, o segundo relacionado à sociedade civil e à opinião pública e o terceiro referente à comunidade ética na qual o estrangeiro se insere. Ele afirma ainda que a incorporação desses três níveis de acolhimento constitui a forma geral de incorporação de imigrantes em uma sociedade. Com base nesses elementos, pode-se deduzir que a recepção da personagem Maria das Dores deu-se, possivelmente, mediante a terceira forma de recepção proposta pelo autor, dado que houve a interferência da representante da comunidade, a mulher do régulo, na interação estabelecida entre a população local e a suposta estrangeira.

A presença de Maria das Dores no espaço em questão caracteriza um retorno a um espaço que antes era espaço de pertença, de identidade, o que pode significar que o movimento empreendido pela personagem caracteriza uma busca por sua identidade perdida. Amanda da Silva (2013) afirma que esse é o momento em que assistimos a um reflexo da condição social dos sujeitos, nesse caso a condição social que circunda Maria das Dores é o período colonial, de modo que seus reflexos são perceptíveis a partir das memórias revividas pela personagem.

O segundo elemento é a relação entre a crise identitária e a perspectiva colonialista. Tanto Delfina quanto Maria das Dores, Jacinta e José viveram o colonialismo de formas distintas. Delfina e Maria das Dores foram subjugadas por seus corpos e oferecidas ao europeu. Já Jacinta é descrita como mulata, por ser filha do Branco Soares e de Delfina. Aparentemente, sua mestiçagem causa uma ausência de pertença, por ela não se encaixar nem no grupo do dominador e nem do dominado.

A relação entre Soares e Delfina também carrega significado. Peter Fry (2001, p. 30-31) apresenta uma tabela do fluxo de migração em Moçambique, onde Portugal surge com 9.8 % de fluxo, o que segundo o autor, é uma condicionante de dinâmicas de trabalho impostas pelo sistema colonial, o que resultou na migração de portugueses e no estabelecimento de alianças matrimoniais entre indivíduos de diferentes regiões.

Apresentando a terceira perspectiva migratória identificada no romance, colocamos em perspectiva Maria das Dores. Entende-se de antemão que a mobilidade empreendida pela personagem apresenta uma relação de fuga, ao passo que sua trajetória é sujeita a exploração sexual, à exploração de mão de obra, ao racismo, por exemplo.

É interessante observar que o transitar dos personagens aqui delineados se dão por motivos diferentes. E embora se delineie os espaços de transição locais, compreende-se que estes sofreram interferência externa, principalmente da colonização, levando à sua dissolução, restando apenas os Montes Namuli como um espaço de pertença para os personagens nativos, por estes estarem em busca desse espaço de paz e liberdade, embora ele apresente alterações no período pós-colonial, identificadas pela coabitação de povos pertencentes a várias etnias e pela mescla de culturas mencionada no enredo.

Por fim, cabe compreender que, no processo migratório aqui analisado, corpos estão em movimento. José,

homem negro, sipaio, percorreu diversos espaços para cumprir as demandas impostas pelos colonos, movido pelo trabalho que assumiu em troca de ser um assimilado. Maria das Dores, fugiu das mãos de Simba e alcançou o Monte, espaço a que José dos Montes pertencia originalmente. O branco Soares, emigrou da Europa para a Zambézia, e Delfina aparentemente parece transitar de um espaço social a outro para construir sua identidade perdida em meio ao processo colonial.

CONCLUSÕES

Em nossa pesquisa, identificamos os principais fatores que alimentam, no enredo de "O alegre canto da Perdiz", a mobilidade territorial. Compreendendo inicialmente alguns conceitos pertencentes ao estudos sobre migração, vistos em Salim (2016) e em Golgher (2004), e tendo estudado sobre o contexto histórico moçambicano, para então podermos descrever as perspectivas de Chiziane no romance em questão, pudemos identificar o espaço dos Montes Namuli, entendido como espaço de permanência, e menções a espaços de transição que não apresentavam uma descrição detalhada. Os personagens Maria das Dores, José dos Montes e Soares são figuras que fazem parte de estratos sociais diferentes embora convivam em um mesmo espaço. É entre esses personagens que identificamos diferentes motivações para a mobilidades em Moçambique, as quais caracterizamos como migração de fuga, de retorno e motivada pelo trabalho. Por fim, pudemos compreender que dinâmicas migratórias não se resumem a questões que dizem respeito apenas a um espaço geográfico. Elas permeiam uma série de questões, de ordem política, histórica, social e cultural, por exemplo.

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Giselle Rodrigues Ribeiro, pela orientação e pelos conhecimentos a mim transmitidos ao longo de um ano da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi, O local da cultura, Belo Horizonte, 1998.

CABAÇO, José Luís. Moçambique: identidade, colonialismo e libertação. Ed. Unesp, São Paulo, 2009.
CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. Universidade de São Paulo - via atlântica. n. 7 out. 2004.
CHIZIANE, Paulina. O alegre canto da perdiz, Editora Caminho, Portugal, 2008
Entrevista Paulina Chiziane: "Literatura como lugar de negociação, de luta pela justiça" Ano 1, Número 1. Maio 2019, revista literária Mahin. Criado por Francisco Jorge. https://www.editoramale.com/entrevista
FRY, Peter. Moçambique: ensaios. Rio de Janeiro: Ufrj, 2001.
GOLGHER, André Braz. Fundamentos da migração, Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.
PATRÍCIO, Gonçalves. MOÇAMBIQUE: Compulsando as migrações internas e internacionais. InterEspaço – Grajaú/MA, N. 5. p. 78-101, jan./abr. 2016, V. 2
SALIM. Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. V. 3. VIII encontro nacional de estudos populacionais. Abep. 2016.
SILVA, Amanda da. Migração e embates identitários: um dialógo entre a trilogia torresiana e um rio chamado tempo, uma casa chamada terra de Mia Couto. ABRAPLIP, 2013. Disponível em: http://antoniotorres.com.br/arquivos/pelo_fundo_link3.pdf acesso em 16 de junho, 2019.